

BOYARIN, Daniel. *Israel carnal: lendo o sexo na cultura talmúdica*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. 286p.

Jacyntho Lins Brandão

Departamento de Letras Clássicas – Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais

Já na introdução o autor confessa a motivação do sugestivo título, buscado em sentença de São Paulo (I Cor. 10, 18), comentada por Santo Agostinho (*Adv. Jud.*, VII, 9): “Considerai o Israel segundo a carne”. Este nós sabemos que é o Israel carnal; mas os judeus não compreendem este significado e, assim, tornam-se indiscutivelmente carnis” (p. 13). É essa mútua incompreensão entre o cristianismo (surgido no ambiente do judaísmo helenista) e o judaísmo rabínico, nos primeiros séculos de nossa era, que motiva a redação de *Israel carnal*. Daniel Boyarin, professor de cultura talmúdica na Universidade da Califórnia, combina em seu livro amplo conhecimento das fontes primárias sobre o judaísmo da Antiguidade tardia, domínio e crítica com relação aos métodos de interpretação talmúdica e familiaridade com as mais recentes correntes da crítica literária e histórica. O resultado é um texto instigante, em que o imaginário ocidental sobre o corpo, o sexo e os gêneros é pesquisado em suas origens, matizando não só as diferenças entre diversas correntes coetâneas do judaísmo tardo-antigo (babilônico, palestino e helenista), mas igualmente discernindo o judaísmo talmúdico do medieval.

O problema do sexo nos primeiros séculos depois de Cristo tem sido objeto de importantes estudos, como os de Peter Brown (Brown, 1988) e Elaine Pagels (Pagels, 1990 e 1992). Mas a novidade do livro de Boyarin é enfrentar a questão do ponto de vista do judaísmo rabínico, que parece ter mesmo a intenção de marcar suas diferenças com relação às culturas que o circundam (a pagã, a judaico-helenística e a cristã). Para tanto, o autor lança mão da literatura rabínica disponível (a *Mishná*, a *Tosefta*, os *Midrahim* “haláquicos” e *agádicos*, bem como, e sobretudo, os *Talmudes* da Palestina e da Babilônia), admitindo que, embora a literatura seja apenas uma das diversas práticas sociais, “na cultura em questão (assim como em outras culturas antigas) é praticamente a única a que temos acesso” (p. 26). Nesse contexto, deixa de ter sentido a distinção entre textos literários e documentais: “Todos os textos disponíveis apresentam o mesmo status epistemológico. Todos possuem as mesmas características documentais e literárias; na verdade, surgem dentro das mesmas obras, das mesmas capas. Não há literalmente (praticamente) nada fora do texto” (p. 25). O que Boyarin propõe, portanto, confessando sua dupla condição de “judeu rabínico” e “feminista” (p. 31), é a prática do que chama “crítica generosa”: “Este método procura questionar a prática do Outro a partir dos desejos e das necessidades de aqui e agora, sem reificar este Outro ou tentar julgá-lo dentro da sua época e lugar. Creio que esta tática pode ser aplicada a qualquer discussão de uma cultura antiga...” (p. 33). De fato, trata-se de encontrar o equilíbrio justo entre erudição e ideologia, sem mascarar uma com a outra, voltando-se para o passado (o nosso passado, em diferentes níveis) sem deixar de lidar com aquilo que tem sentido para o nosso tempo. Além pois de todo o interesse que tem o objeto estudado por Boyarin, *Israel carnal* é ainda um feliz exemplo da possibilidade de exercício da “crítica generosa” nos domínios

das ciências da Antigüidade.

O livro divide-se em sete capítulos. Os dois primeiros (“Considerai o Israel segundo a carne” e “A dialética do desejo”) procedem a uma leitura antropológica do sexo na cultura judaica do final da Antigüidade, incluindo os judaísmos rabínico, helenista (com referência sobretudo a Filon) e cristão (com ênfase no pensamento paulino). O autor mostra como a carnalidade é, de fato, a base da antropologia rabínica, uma vez que não se imagina que o corpo seja um receptáculo ou uma prisão para o espírito, mas, pelo contrário, que o homem é um ser carnal, um corpo animado por um espírito. Dessa perspectiva, a visão da sexualidade afasta-se consideravelmente da de outras tradições (tanto hele-nísticas quanto cristãs) e, desde que situada na esfera do “sexo legítimo” (isto é, no casamento), não se põem limites ao prazer que esposo e esposa possam se proporcionar.

Os capítulos 3 e 4 (“Diferentes Evas” e “A produção do desejo”) tratam da visão da mulher na cultura talmúdica, envolvendo, de um lado, os mitos sobre sua origem e, de outro, a intimidade da vida conjugal. O autor contrapõe as tradições gregas transmitidas por Hesíodo (no mito de Pandora), às versões sacerdotal e javista da criação da mulher, iluminadas pela hermenêutica de Filon e do *Talmu-de*. O que se demonstra é como os mitos sobre as origens têm estreita relação com as práticas culturais e sociais e como os entrecos bíblicos recebem interpretações distintas em contextos diferentes, que vão da completa misoginia a uma visão generosa sobre a natureza feminina. Em qualquer caso, trata-se de textos relativos à mulher que foram produzidos por culturas altamente androcêntricas: “os homens muitas vezes pensam ‘com as mulheres’ como um meio de pensar sobre o seu próprio corpo e suas emoções... Assim, uma representação misógina da mulher não pode deixar de incluir pelo menos um componente de negação do próprio corpo masculino, uma negação que na verdade o estigmatiza como sendo feminino” (p. 89). O que Boyarin pretende mostrar é como a assertiva genérica de que a cultura rabínica teria sido totalmente misógina deve ser relativizada, uma vez que há pontos de vista diferentes manifestados pelos textos e a visão que se tem da mulher interage dialeticamente com a visão que se tem do homem e do mundo.

Em “O desejo pelo saber” e “As mulheres estudantes” mostra-se como sexo e conhecimento são categorias complementares. Muito frequentemente, os textos transmitem a figura do rabi dividido entre a esposa e o estudo da *Torá*. Num certo sentido, inclusive, a *Torá* é a outra, exigindo da esposa legítima que abra mão de seus direitos para suportar a longas ausências do marido que frequenta escolas. Pergunta-se ainda pela possibilidade de acesso das mulheres aos estudos (ou seja, à *Torá*), recuperando-se a interessante história de Berúria, uma judia cultivada, intelectualmente respeitada pelos rabis, mas com um fim trágico. “A *Torá* e a mulher” – conclui o autor – “são alomorfos estruturais e ocupam domínios diferentes dentro desta cultura – a norma dita que ambas devem ser altamente estimadas, mas devem se manter isoladas” (p. 208).

Finalmente, no último capítulo, intitulado “(Re)produzindo os homens”, exploram-se as ambivalências do discurso que tenta valorizar mas domesticar o espaço feminino reservado à *Torá* (isto é, ao texto) e à mulher, detectando-se a ansiedade latente nessa postura: “Na minha opinião, a contestação da importância da virilidade física, com a substituição da reprodução através do aprendizado, é uma tentativa (condenada ao fracasso) de reduzir essa ansiedade” (p. 229). Isso significa que, como conclui o próprio Boyarin mais adiante, “numa cultura em que o corpóreo dá sentido ao ser humano,

o problema do corpo – masculino e feminino – continua sem solução” (p. 231).

Cabe ainda ressaltar que, para o leitor não familiarizado com a literatura rabínica, *Israel carnal* guarda a surpresa de numerosas citações em que as peculiaridades dessa literatura se manifestam a contento, sempre sob a condução inteligente do autor. O emaranhado de opiniões que conformam os *Talmudes* e outros textos são uma verdadeira descoberta para o leitor ocidental, acostumado a tratados que, de cabo a rabo, pretendem convencê-lo de um determinado ponto de vista através de uma argumentação cerrada. A variedade de opiniões justapostas, muito geralmente contraditórias, dá a perspectiva de como uma tradição, uma cultura e um conhecimento altamente refinados não dependem necessariamente da hegemonia de alguns pontos de vista, mas podem ser elaborados em textos aparentemente (ou femininamente?) confusos, em que o diálogo se espraia geográfica e historicamente. Talvez nessa mesma prática Daniel Boyarin encontre os fundamentos de sua “crítica generosa”, o que, sem dúvida, para usar as palavras de Froma Zeitlin, faz com que *Israel carnal* só possa despertar “a atenção daqueles que têm interesse (...) no mundo antigo”, devendo ser encarado “como um modelo de crítica que leva muito a sério a questão da dialética cultural”.

Referências bibliográficas

BROWN, Peter. *The Body and Society: Men, Women and Sexual Renunciation in Early Christianity*.

New York: Columbia University Press, 1988.

PAGELS, Elaine. *Adão, Eva e a serpente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992 [1ª edição de 1988].

PAGELS, Elaine. *The Gnostic Gospels*. London: Penguin Books, 1990 [1ª edição de 1979].